

Críticas internas irritam...

por Celso Pinto
de São Paulo
(Continuação da 1ª página)

candidatura Tancredo à Presidência.

No segundo semestre do ano passado, era Vital um dos pivôs que atuavam na montagem do programa econômico de Tancredo, reunindo trabalhos e colaborações de vários economistas, entre os quais Simonsen. Ele foi, também, auxiliar importante na parte econômica dos primeiros discursos de Tancredo.

Seu temperamento agressivo e sua inflexibilidade de opiniões, contudo, também ajudaram a criar, rapidamente, inimizades. No trabalho da Comissão para o Plano de Governo (Copag), já no final do ano passado, onde Vital era secretário executivo por indicação de Dornelles, ele gerou alguns atritos duradouros.

No governo Sarney, Vital passou a ser um dos pólos de catalisação de divergências, especialmente com a Seplan. Já na primeira reu-

nião da Comissão de Acompanhamento dos Orçamentos Públicos (Comor), o foro onde se reúnem representantes de todas as áreas econômicas do governo, acabou havendo uma dura discussão sobre as contas governamentais, tendo como um dos principais protagonistas Sebastião Vital.

Se Vital era o mais veemente, não era, no entanto, o único na Fazenda a criticar os rumos da política econômica. Na realidade, o próprio ministro Francisco Dornelles tem feito seguidas críticas sobre a timidez do "pacote" de ajuste aprovado pelo governo, especialmente os cortes nas empresas estatais, suas possíveis repercussões inflacionárias e a trajetória preocupante do déficit do setor público. O ministro tem organizado, nas últimas semanas, uma série de encontros com grupos de empresários. Foram pelo menos quatro estes encontros, no Rio e em São Paulo, e em todos eles o tom das conversas girou em torno destes temas.

Na verdade, há uma mo-

vimentação de setores governamentais que acreditam ser imprescindível a adoção de medidas adicionais de ajuste, de imediato, e que têm buscado apoio empresarial para isto. O presidente Sarney tem acompanhado a questão, em detalhes, e com desagrado.

O fato é que a assessoria econômica direta de Sarney, através do economista Luis Paulo Rosenberg, foi responsável pela "arbitragem" final na montagem das medidas de política econômica. E, portanto, o fiador de seu sucesso. O Planalto e a Seplan acreditam que o "pacote" foi suficientemente forte, mas exige, tecnicamente, alguns meses para que seus efeitos sejam sentidos nos cofres do Tesouro. Por esta razão, a trajetória dos próximos meses seria, nesta concepção, de crescente alívio do déficit de caixa e não de seu agravamento.

Em outros termos, os autores das medidas julgam ser necessário aguardar um certo tempo antes de julgamentos definitivos.

GAZETA DE SÃO PAULO

26 AGO 1985

Críticas internas irritam Sarney

por Celso Pinto
de São Paulo

A irritação do presidente José Sarney com críticas a seu governo desferidas por seus próprios auxiliares não se restringe ao episódio Sebastião Marcos Vital nem ao segundo escalão. O presidente está agastado com ministros que têm falado mal de sua administração ou permitido que subordinados o façam.

Neste sentido, a demissão do secretário geral do Ministério da Fazenda, sexta-feira, serviu, acima de tudo, como uma clara advertência. O presidente fixou um limite para sua tolerância e mostrou até onde pode chegar em benefício da coesão.

A discussão sobre a política econômica tem sido uma área particularmente sensível. Não se trata apenas de diferenças de concepções, que podem ser democraticamente discutidas, mas da necessidade prática de inculcar um mínimo de confiança aos agentes econômicos sobre os rumos da política econômica.

Abertas cisões internas no governo são ruins em qualquer situação, mas podem ser desastrosas quando o governo precisa vender, a cada mês, Cr\$ 7 trilhões ou Cr\$ 8 trilhões de títulos públicos ao mercado. "Não se podem fazer desaforos ao dinheiro", diz uma qualificada fonte governamental. Quando uma fatia importante do governo insiste, a cada encontro com o setor privado, em que a trajetória econômica a curto prazo é da hiperinflação, do encilhamento governamental e do total descontrole, acaba-se semeando enorme desconfiança.

Esta não é uma análise abstrata. E, concretamente, uma razão para fortes críticas partidas do próprio Planalto com o tom utilizado, por exemplo, por dirigentes do Banco Central em reuniões recentes com o mercado financeiro. Pesou certamente muito para a rapidez da decisão de exonerar Vital o fato de ter usado um tom tão pessimista e alarmista numa reunião com os principais banqueiros do País.

Vital, na verdade, vinha sendo uma fonte constante de atritos internos no governo. Muito ligado ao ex-ministro Mário Simonsen, de quem foi auxiliar — como secretário-executivo do CIP —, acabou aproximando-se do ex-presidente Tancredo Neves, através de amigos comuns, como o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto. Vital foi vice-presidente do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais e colaborador de primeira hora da

(Continua na página 3)